

ULYSSES, ULISSES – EXCERTO SINÓTICO – PROTEU

ULYSSES	ULISSES	ULISSES	ULISSES	ULISSES
JAMES JOYCE ¹ (1922)	ANTÔNIO HOUAISS ² (1966)	JOÃO PALMA-FERREIRA ³ (1989)	BERNARDINA S. PINHEIRO ⁴ (2005)	CAETANO W. GALINDO ⁵ (2010)
Chapter 03 – Proteus (lines 1 – 9; 216 – 244, pages 31; 36)		[3]	3. Proteu	[3]
	(páginas 47 – 48; 54 – 55)	(páginas 65; 71 – 72)	(páginas 65; 71 – 72)	(páginas 140; 148 – 149)

* Ineluctable modality of the visible: at least that if no more, thought through my eyes. Signatures of all things I am here to read, seaspawn and seawrack, the nearing tide, that rusty boot. Snot-green, bluesilver, rust: coloured signs. Limits of the diaphane. But he adds: in bodies. Then he was aware of them bodies before of them coloured. How? By knocking

Ineluctável modalidade do visível: pelo menos isso se não mais, pensado através dos meus olhos. Assinaturas de todas as coisas estou aqui para ler, marissêmen e maribodelha, a maré montante, estas botinas carcomidas. Verdemuco, azulargênteo, carcoma: signos coloridos. Limites do diáfano. Mas ele acrescenta: nos corpos. Então ele se compenetrava deles

INELUTÁVEL modalidade do visível: pelo menos, se não mais, pensado através dos meus olhos. Estou aqui para ler as assinaturas de todas as coisas, ovas e sargaços, a maré que se aproxima, essa bota corroída. Verderanho, azul de prata, ferrugem: sinais coloridos. Limites do diáfano. Mas acrescenta: nos corpos. Então é porque tinha consciência deles, corpos, antes

Inelutável modalidade do visível: ao menos isso se não mais, pensei através dos meus olhos. Assinatura de todas as coisas que estou aqui para ler, ovas-do-mar e destroços-do-mar, a maré se aproxima, a bota enferrujada. Verdemeleca, azulprata, ferrugem: sinais coloridos. Limites do diáfano. Mas ele acrescenta: em corpos. Então ele tinha consciência deles corpos

Inelutável modalidade do visível: pelo menos isso se não mais, pensada por meus olhos. Assinaturas de todas as coisas que estou aqui para ler, ovamarinha e algamarinha, a maré entrando, aquela bota enferrujada. Verderranho, pratazul, ferrugem: signos coloridos. Limites do diáfano. Mas ele acrescenta: nos corpos. Então ele os sabia corpos antes de sabê-los

¹ JOYCE, James. *Ulysses*. (GABLER, Hans Walter, ed.; MELCHIOR, Claus & STEPPE, Wolfhard, cols.). New York: Vintage Books, 1986. Pequenas diferenças entre as traduções podem ser atribuídas ao uso de distintas edições do texto em inglês. Houaiss e Galindo trabalharam com a *Random House/Bodley Head/Penguin*, Palma-Ferreira e Bernardina Pinheiro, com a *Gabler*. (N. dos E.)

² JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Antônio Houaiss. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

³ JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução e Notas de João Palma-Ferreira. Lisboa: Livros do Brasil, 1989.

⁴ JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

⁵ JOYCE, James. *Ulisses*. Tradução de Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012. Republicamos nesta edição de n.12 da *Scientia Traductiones* os mesmos excertos da edição de n.8 (2010), cujo texto, então inédito, passou por revisões do tradutor e pode apresentar alguma pequena diferença.

ULYSSES, ULISSES – EXCERTOS SINÓTICOS – PROTEU

<p>his sconce against them, sure. Go easy. Bald he was and a millionaire, maestro di color che sanno. Limite of the diaphane in. Why in? Diaphane, adiaphane. If you can put your five fingers through it it is a gate, if not a door. Shut your eyes and see.</p>	<p>corpos antes deles coloridos. Como? Batendo com sua cachola contra eles, com os diabos. Devagar. Calvo ele era e milionário, <i>maestro di color che sanno</i>. Limite do diáfano em. Por quê em? Diáfano, adiófano. Se se pode pôr os cinco dedos através, é porque é uma grade, se não uma porta. Fecha os olhos e vê.</p>	<p>deles, coloridos. Como? Batendo com a cachimónia contra eles, é claro. Devagar. Calvo era ele e milionário, <i>maestro di color che sanno</i>. Limite do diáfano em. Por quê em? Diáfano, adiófano. Se podes meter os cinco dedos através, é um portão, se não é uma porta. Fecha os olhos e vê.</p>	<p>antes de ter deles colorido. Como? Batendo com a sua cachola neles, lógico. Vá devagar. Calvo ele era e um milionário, <i>maestro di color che sanno</i>. Limite do diáfano. Por que em? Diáfano, adiófano. Se a gente pode pôr os cinco dedos através dele é um portão, se não uma porta. Feche os olhos e veja.</p>	<p>coloridos. Como? Metendo a cachola neles, claro. Vá com calma. Calvo ele era, e milionário, <i>maestro di color che sanno</i>. Limite do diáfano em. Por que em? Diáfano, adiófano. Se você consegue meter os cinco dedos é um portão, se não uma porta. Feche os olhos e veja.</p>
<p>(...)</p>	<p>(...)</p>	<p>(...)</p>	<p>(...)</p>	<p>(...)</p>
<p>Noon slumbers. Kevin Egan rolls gunpowder cigarettes through fingers smeared with printer's ink, sipping his green fairy as Patrice his white. About us gobblers fork spiced beans down their gullets. Un demi setier! A jet of coffee steam from the burnished caldron. She serves me at his beck. Il est irlandais. Hollandais? Non fromage. Deux irlandais, nous, Irlande, vous savez? Ah oui! She thought you wanted a cheese-hollandais. Your postprandial, do you know that word? Postprandial. There was a fellow I knew once in Barcelona, queer fellow, used to call it</p>	<p>O meio-dia modorra. Kevin Egan enrola charutos de pólvora de canhão entre os dedos manchados de tinta de impressão, sorvendo sua fada verde como Patrice a sua branca. Em torno a nós glutões engarfam favas condimentadas pela goela abaixo. <i>Un demi setier!</i> Um jacto de café vaporeja da caldeira brunida. Ela serve-me à ordem do gesto-jato dele. <i>Il est irlandais. Hollandais? Non fromage. Deux irlandais, nous, Irlande, vous savez? Ah oui!</i> Ela pensava que querias um queijo <i>hollandais</i>. Seu postprândio, conheces esta palavra? Postprândio, Havia um</p>	<p>O meio-dia dormita. Kevin Egan enrola cigarros de pólvora entre os dedos manchados com tinta de imprimir, bebericando a sua fada verde tal como Patrice a sua branca. À nossa volta, comilões enfiam garfadas de feijão picante pelo gasganete abaixo. <i>Um demi setier!</i> Um jacto de vapor de café da brunida caldeira. Ela serve-me a um aceno dele. <i>Il est irlandais. Hollandais? Non fromage. Deux irlandais, nous, Irlande, vous savez? Ah, oui!</i> Julgou que tu querias um queijo <i>hollandais</i>. O teu postprandial, conheces essa palavra? Postprandial. Houve um tipo</p>	<p>Sonolência do meio-dia. Kevin Egan enrola cigarros à maneira de estopim de pólvora através de dedos manchados de tinta de impressora, bebericando sua fada verde assim como Patrice sua fada branca. À nossa volta comilões engarfam feijão condimentado goela abaixo. <i>Um demi setier!</i> Um jato de vapor de café sai da cafeteira polida. A um sinal dele ela me serve. <i>Il est irlandais. Hollandais? Non fromage. Deux irlandais, nous, Irlande, vous savez? Ah, oui!</i> Ela pensou que você queria um queijo <i>hollandais</i>. Seu pós-prandial, você conhece essa palavra? Pós-prandial.</p>	<p>Sono ao sol a pino. Kevin Egan enrola cigarros pólvoros entre dedos borrados de tinta de impressor, sorvendo a fada verde como Patrice a branca. Em volta garfam glutões goela abaixo feijões picantes. <i>Un demi setier!</i> Um jato de vapor de café do caldeirão areado. Ela me serve às ordens dele. <i>Il est irlandais. Hollandais? Non fromage. Deux irlandais, nous, Irlande, vous savez? Ah oui!</i> Ela achou que você queria um queijo <i>hollandais</i>. Seu pós-prandial, você conhece essa palavra? Pós-prandial. Tinha um sujeito que eu conheci uma vez em Barcelona,</p>

ULYSSES, ULISSES – EXCERTOS SINÓTICOS – PROTEU

his postprandial. Well: slainte! Around the slabbed tables the tangle of wined breaths and grumbling gorges. His breath hangs over our saucestained plates, the green fairy's fang thrusting between his lips. Of Ireland, the Dalcassians, of hopes, conspiracies, of Arthur Griffith now, AE, pimander, good shepherd of men. To yoke me as his yokefellow, our crimes our common cause. You're your father's son. I know the voice. His fustian shirt, sanguineflowered, trembles its Spanish tassels at his secrets. M. Drumont, famous journalist, Drumont, know what he called queen Victoria? Old hag with the yellow teeth. Vieille ogresse with the dents jaunes. Maud Gonne, beautiful woman, La Patrie, M. Millevoye, Félix Faure, know how he died? Licentious men. The froeken, bonne à tout faire, who rubs male nakedness in the bath at Upsala. Moi faire, she said, tous les messieurs. Not this monsieur, I said. Most licentious custom. Bath a most private thing. I wouldn't let my

sujeito que conheci uma vez em Barcelona um tipo gozado que costumava chamar a isso postprândio. Bem: *slainte!* Ao redor das mesas lajeadas a mixórdia de hálitos vinosos e gargantas gorgulhantes. Seu bafo pende sobre nossos pratos com restos de molho, o colmilho da verde fada esperando entre seus dentes. Da Irlanda, os dalcassianos, de esperanças, conspirações de Arthur Griffith agora. Para jungir-me como seu cojugulado, nossos crimes nossa causa comum. És filho do teu pai. Reconheço a voz. Sua camisa de fustão, sangüiniflorida, treme as borlas espanholas a seus segredos. Monsieur Drumont, jornalista famoso, Drumont, sabes como ele chamou a rainha Vitória? Velha ogra de dentes amarelos. *Vieille ogresse de dents jaunes*. Maud Gonne, esplêndida mulher, *La Patrie*, Monsieur Millevoye, Félix Faure, sabes como morreu? Homens licenciosos. A froeken, *bonne à tout faire*. que esfrega a nudez masculina no banho em Upsala. *Moi faire*, disse ela. *Tous les*

que conheci uma vez em Barcelona, um tipo singular, que costumava chamar-lhe o seu postprandial. Bem: *slainte!* À volta das mesas ladrihadas, a confusão de hálitos avinhados e de gorjas a roncar. O seu respirar pende sobre os nossos pratos enodados de molho, o dente verde de fada a furar-lhe entre os lábios. Da Irlanda, os Dalcassianos, de esperanças, conspirações, de Arthur Griffith agora, AE, pimander, bom pastor de homens. Para me jungir como seu companheiro de jugo, os nossos crimes, a nossa causa comum. És o filho de teu pai. Conheço a voz. A camisa de fustão, com flores cor de sangue, faz tremer, aos seus segredos, as borlas espanholas. Monsieur Drumont, jornalista famoso, Drumont, sabe o que é que ele chamou à rainha Vitória? Bruxa velha com dentes amarelos. *Vieilie ogresse* com os *dents jaunes*. Maud Gonne, bela mulher, *la Patrie*, Monsieur Millevoye, Félix Faure, sabem como é que ele morreu? Homens licenciosos. A *froeken, bonne*

Havia um camarada que eu conheci em Barcelona, um camarada esquisito, que costumava chamar isso de seu pós-prandial. Ora: *slainte*. Em volta das mesas de lajes de mármore o emaranhado de hálitos recendendo a vinho e de gargantas sussurrantes. Seu bafo paira acima dos nossos pratos manchados de molho, a fada verde enfiando suas presas entre os lábios dele. Sobre a Irlanda, os Dalcassians, sobre esperanças, conspirações, sobre Arthur Griffith agora, AE, poimandres, bom pastor de homens. Juntar-me a ele como seu parceiro, nossos crimes nossa causa comum. Você é bem o filho de seu pai. Eu reconheço a voz. Sua camisa de fustão com flores vermelhas agita seus pompons espanhóis quando ele confia seus segredos. M. Drumont, famoso jornalista, Drumont, você sabe como ele chamava a rainha Vitória? Velha megera de dentes amarelos. *Vieille ogresse* de *dents jaunes*. Maud Gonne, mulher bonita, *la Patrie*, M. Millevoye, Félix Faure, sabe como ele morreu?

sujeitinho esquisito, que chamava isso de pós-prandial. Bom: *slainte!* À roda das mesas de lajes entrançam-se alentos vinosos e gorjas, queixumes. Seu hálito paira sobre nossos pratos molhentos, as presas da fada verde forçando passagem nos lábios. Da Irlanda, os dalcassianos, de esperanças, conspirações, de Arthur Griffith agora. Para me subjugar como um seu conjugado, nossos crimes nossa causa comum. Você puxou ao teu pai. Conheço a voz. Sua camisa bombástica, floressangue, tremula seus pompons espanhóis ao ritmo de seus segredos. M. Drumont, jornalista famoso, o Drumont, sabe como que ele chamava a rainha Vitória? Megera velha com dente amarelo. *Vieille ogresse* com *dents jaunes*. Maud Gonne, linda, *la Patrie*, M. Millevoie, Félix Faure, sabe como foi que ele morreu? Uns sujeitos licenciosos. A *froeken, bonne à tout faire*, que esfrega a nudez masculina no banho em Upsala. *Moi faire*, dizia. *Tous les messieurs*. Não esse *Monsieur* aqui, eu disse.

ULYSSES, ULISSES – EXCERTOS SINÓTICOS – PROTEU

brother, not even my own brother, most lascivious thing. Green eyes, I see you. Fang, I feel. Lascivious people.

méssieurs. Não este *Monsieur*, disse eu. Costume licenciosíssimo. Banho coisa muito privada. Não deixaria meu irmão, nem mesmo meu próprio irmão, coisa licenciosíssima. Olhos verdes, eu vos vejo. Colmilho, sinto-o. Gente lasciva.

à tout faire, que fricciona a nudez masculina no banho em Upsala. *Moi faire*, diz ela, *tous les messieurs*. Não este *monsieur*, disse eu. Costumes muito licenciosos. O banho é uma coisa muito privada. Eu não deixaria o meu irmão, nem mesmo o meu irmão, coisa muito lasciva. Olhos verdes, eu vejo-vos. Dentes, sinto-os. Gente lasciva.

Homens libertinos. A *froeken*, *bonne à tout faire*, que esfrega a nudez masculina no banho em Upsala. *Moi faire*, disse ela, *tous les messieurs*. Não este *monsieur*, disse eu. Um costume muito libidinoso. O banho é uma coisa muito particular. Eu não deixaria meu irmão, nem mesmo o meu irmão, uma coisa muito libidinosa. Olhos verdes, eu vejo você. Presas, eu sinto. Raça libidinosa.

Hábito mais licencioso. Banho é coisa das mais privadas. Não deixava o meu irmão, nem o meu próprio irmão, coisa mais lasciva. Olhos verdes, te vejo. Presa, pressinto. Gente lasciva.

The blue fuse burns deadly between hands and burns clear. Loose tobaccoshreds catch fire: a flame and acrid smoke light our corner. Raw facebones under his peep of day boy's hat. How the head centre got away, authentic version. Got up as a young bride, man, veil orangeblossoms, drove out the road to Malahide. Did, faith. Of lost leaders, the betrayed, wild escapes. Disguises, clutched at, gone, not here.

A mecha azul-triste queima-se agonicamente entre as mãos e queima-se clara. Fibras avulsas de tabaco pegam fogo: chama e fumaça acre clareiam nosso canto. Crua carossuda sob a tocaia do chapéu de vigia do dia. Como o cabeça do centro escapou, versão autêntica. Paramentado de jovem noiva, homem, véu botões de laranjeira, rodou pela estrada de Malahide. Fê-lo, de fato. De chefes perdidos, os traídos, fugas fantásticas. Disfarces, agarrados, escapados, não aqui.

A isca azul arde moribunda entre as mãos e arde clara. Soltas fiapas de tabaco pegam fogo: uma chama e um fumo acre iluminam o nosso canto. Duros ossos da cara sob o chapéu de conspirador. Como fugiu o cabecilha, versão autêntica. Vestido como uma jovem noiva, homem, véu, flores-de-laranja, saiu pela estrada de Malahide. Fez assim, verdade. De chefes perdidos, os atraídoados, fugas espantosas. Disfarces, apanhados, fugidos, não aqui.

A mecha azul queima agonizante por entre as mãos e queima clara. Fragmentos de tabaco soltos pegam fogo: uma chama e uma fumaça acre iluminam o nosso canto. Maçãs do rosto ossudas de baixo de seu chapéu de conspirador. Como o cabeça do grupo escapou, versão autêntica. Vestiu-se como uma jovem noiva, homem, véu, flores de laranja, de carro pela estrada para Malahide. Fez isso, por certo. Sobre líderes desaparecidos, os traídos, fugas fantásticas. Disfarces, agarrados, sumidos, não mais aqui.

O pavio azul queima mortal entre mãos queima claro. Tirassoltas de tabaco pegam fogo: uma flama e fumo acre iluminam nosso canto. Crus os ossos do rosto sob o chapéu dos *peep of day boys*. Como o chefão escapou, versão autêntica. Vestido de noivinha, meu amigo, véu e flordelaranjeira, foi pela estrada de Malahide. Foi, mesmo. De líderes perdidos, os traídos, fugas loucas. Disfarces, intentados, mortos todos, aqui não.